



# Irã captura navios no Estreito de Ormuz

Lanchas rápidas da Guarda Revolucionária dispararam e interceptam dois porta-contêineres. Casa Branca minimiza incidente e nega violação do cessar-fogo. Teerã descarta reabrir canal marítimo até Washington suspender bloqueio naval

» RODRIGO CRAVEIRO

Atta Kenare/AFP

Poucas horas depois de o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ampliar novamente o ultimato e exigir de Teerã uma proposta unificada de cessar-fogo, o regime iraniano disparou contra três navios porta-contêineres e capturou dois deles quando tentavam cruzar o Estreito de Ormuz. O canal marítimo por onde passam 20% do petróleo e do gás produzidos em todo o mundo foi fechado pelo Irã. Lanchas rápidas do Corpo de Guardiões da Revolução Islâmica (IRGC) interceptaram os cargueiros MSC-Francesca, que teria ligação com Israel, e Epaminondas. As embarcações foram escoltadas até a costa do Irã, sob a acusação de violarem protocolos de segurança e de alterarem sistemas de navegação. O governo do Panamá confirmou que o MSC-Francesca tem bandeira panamenha e é propriedade de italianos.

A Marinha do IRGC informou que as autoridades do Irã inspecionariam a carga, os documentos e o histórico dos dois navios. UKMTO, agência de segurança marítima do Reino Unido, anunciou que uma das lanchas abriu fogo contra um cargueiro na costa de Omã. Disparos também teriam sido feitos contra ao menos uma embarcação na costa do Irã. Por sua vez, o presidente do Parlamento iraniano, Mohamad Bagher Ghalibaf, descartou reabrir o Estreito de Ormuz enquanto os EUA prosseguirem com o bloqueio aos portos do país persa.

A Casa Branca não demorou para pôr panos quentes na interceptação dos navios. A porta-voz Karoline Leavitt negou que o incidente tenha representado uma violação do cessar-fogo. “Não, porque não eram navios americanos, não eram navios israelenses. Eram dois barcos internacionais”, declarou Leavitt à emissora Fox News. “Esses dois navios foram capturados por lanchas rápidas. O Irã passou de ter a Marinha mais letal do Oriente Médio para agora agir como um bando de piratas. Eles não têm controle sobre o estreito. Isso é pirataria, o que estamos vendo em ação. O bloqueio naval imposto pelos Estados Unidos continua sendo incrivelmente eficaz”, acrescentou. Leavitt esclareceu que Trump não estabeleceu um novo prazo para o Irã apresentar um plano de paz. “Em última instância, o



## O antiamericanismo exposto em murais

Desde o início da guerra entre Irã, Israel e Estados Unidos, murais coloridos surgiram em Teerã e outras grandes cidades, carregados de simbolismo e temas de resistência e desafio. Murais são há muito tempo uma característica marcante da paisagem urbana do Irã, especialmente na capital, onde, em praças centrais, refletem a mensagem política e a política externa do Estado. Desde a revolução de 1979, que estabeleceu a República Islâmica, esse tipo de imagem tem servido como meio de refletir a ideologia e a memória coletiva. Nos últimos dias, um mural em Teerã retratou um porta-aviões americano carregando caixões cobertos com bandeiras dos Estados Unidos, cercado por pequenas embarcações com bandeiras iranianas e um helicóptero. A imagem evoca o domínio marítimo do Irã, onde as Forças Armadas iranianas mantêm o bloqueio do estratégico Estreito de Ormuz. Outro mural retrata um homem com os braços erguidos, ambos envoltos na bandeira iraniana, formando um coração com as mãos. Outro mural mostra militares iranianos segurando uma rede de pesca que prende aviões e navios de guerra (foto).

calendário será determinado pelo comandante em chefe”, disse.

O Estreito de Ormuz é alvo de bloqueios dos dois lados. Washington tenta impedir a navegação de embarcações que saiam ou rumem aos portos iranianos. Teerã adverte que os barcos são obrigados a solicitar autorização para sair ou entrar do Golfo Pérsico através de Ormuz.

## Direito marítimo

Ex-juiz-advogado geral (JAG) da Marinha dos EUA e professor de direito da Emory University (em Atlanta), Mark Nevitt afirmou ao **Correio** que o bloqueio iraniano

## Eu acho...

Sameer A. Khan



“O impacto econômico do fechamento do Estreito de Ormuz é dramático: 20% do petróleo mundial transitam pelo canal. O Irã transforma o Estreito de Ormuz em arma para conseguir um acordo com os EUA. Não vejo como isso seja possível, a menos que o Irã concorde em abrir o Estreito.”

**Mark Nevitt, ex-juiz-advogado geral (JAG) da Marinha dos EUA e professor de direito da Emory University**

do Estreito de Ormuz e a interceptação de embarcações neutras violam as leis da guerra naval e o direito marítimo. “A decisão de atacar

navios aumenta, de forma dramática, as tensões na região. Também mina a possibilidade de um acordo entre Irã e EUA a curto prazo”,

explicou. De acordo com ele, a Casa Branca, provavelmente, considera a apreensão de navios como uma medida de aplicação da lei, não como um ato de guerra. “Mas não está claro para mim qual era exatamente o escopo do cessar-fogo.”

Em entrevista ao *The New York Post*, Trump afirmou esperar um segundo ciclo de negociações entre Estados Unidos e Irã, em Islamabad (capital do Paquistão), a partir de amanhã. “É possível!”, respondeu o republicano ao jornal, por meio de mensagem de texto, quando foi questionado sobre fontes no Paquistão que afirmavam que se espera novo diálogo entre 36 e 72 horas.

## Líbano e Israel voltam à mesa

Israel e o movimento xiita Hezbollah voltaram ontem a trocar ataques no sul do Líbano, na véspera da segunda rodada de negociações diretas entre as partes em Washington, sob mediação do Departamento de Estado. Embora não tenha autoridade sobre a milícia pró-Irã, o presidente libanês, Joseph Aoun, antecipou que sua representante, a embaixadora nos EUA, Nada Moawad, foi orientada a defender a prorrogação do cessar-fogo firmado na semana passada — sem participação do Hezbollah —, com vencimento neste domingo.

“Faço um apelo ao governo do Líbano: trabalhem juntos contra o Estado terrorista que o Hezbollah construiu no seu território”, afirmou o chanceler israelense, Gideon Saar. Ele se referiu ao interlocutor como um “Estado falido”, pela impotência demonstrada para se impor como poder único no país, mais ressaltou a “decisão histórica” do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu de “negociar diretamente com o Líbano, depois de mais de 40 anos”.

Os combates diretos entre tropas, bem como a troca de bombardeios e ataques com mísseis e drones, decretaram o fim de um cessar-fogo firmado diretamente entre Israel e o Hezbollah no fim de 2024, após uma troca de hostilidades relacionada à ofensiva militar israelense contra o território palestino da Faixa de Gaza. A trégua se manteve até o início de março último, quando o movimento xiita abriu fogo contra o vizinho em resposta à morte em bombardeio do líder espiritual do Irã, o aiatolá Ali Khamenei.

Desde então, as autoridades libaneses registram a morte de 2.400 pessoas nos ataques israelenses, além do deslocamento de 1,2 milhão de habitantes para a capital, Beirute. Israel anuncia a determinação de ocupar com tropas uma faixa de 8km de profundidade ao longo de toda a fronteira, a título de estabelecer uma “zona de segurança” para manter os povoados do norte do país a salvo de foguetes disparados pelo Hezbollah.

## ESTADOS UNIDOS

# Trump denuncia manobra da oposição

A pouco mais de seis meses das eleições legislativas que renovarão a totalidade da Câmara e parte do Senado, o presidente Donald Trump protestou ontem contra os resultados de um referendo — que classificou como “fraudulento” — que permitirá a oposição democrata redesenhar o mapa eleitoral no estado da Virgínia. Nos Estados Unidos, os deputados são eleitos pelo voto majoritário dos eleitores em distritos eleitorais. A redivisão deles, a cargo da autoridade estadual, pode favorecer um partido, construindo unidades de maneira a assegurar maioria para seus candidatos. No caso da Virgínia, o novo mapa eleitoral teria potencial para que os democratas conquistem quatro cadeiras adicionais.

“Eles conseguiram mais uma vitória desonesta”, escreveu o presidente em sua plataforma, a Truth Social. A remodelação dos distritos eleitorais para benefício de um dos dois grandes partidos, prática recorrente que o jargão político dos EUA chama de ‘gerrymandering’ (algo como “manipulação”), tornou-se uma das batalhas decisivas da campanha para as legislativas de novembro. Em sua postagem, Trump acusa os adversários de obter “uma vitória desonesta”. “Durante todo o dia, os republicanos estavam ganhando, o entusiasmo era incrível, até o final, quando houve uma recontagem maciça de ‘cédulas enviadas pelo correio’. Onde será que já ouvi isso antes?”, provocou.

O presidente repetiu sua queixa costumeira contra o voto antecipado, válido em vários estados dos EUA, inclusive nas eleições presidenciais. Trump atribuiu a ele a derrota que sofreu em 2020, na tentativa de ser reeleito, para o democrata Joe Biden. No fim de março, ele assinou um decreto destinado a enquadrar de forma mais rígida o voto pelo correio, medida que os democratas contestaram na Justiça.

O referendo na Virgínia, importante estado da Costa Leste, foi a resposta da oposição à iniciativa de redistribuição eleitoral lançada por Trump e pelos republicanos em estados onde são majoritários, como o Texas. Dos 11 representantes que a Virgínia tem

atualmente no Congresso, seis são democratas. Com a nova delimitação territorial, eles esperam que esse número suba para 10 nas cruciais eleições de meio de mandato presidencial, em novembro.

Para isso, redesenharam o mapa eleitoral de forma que todos os condados de maioria rural, mais alinhados aos republicanos, ficassem reunidos em um único distrito, com direito a um só deputado. A governadora do estado, a democrata Abigail Spanberger, fez campanha no ano passado com a promessa de que não impulsione a iniciativa, que ainda deve ser examinada pela Suprema Corte estadual.

Em 2025, o Texas foi o primeiro estado a aprovar uma nova redistribuição que permitiria aos republicanos

BBC Geral



O presidente protesta contra iniciativa dos democratas: “fraude”

conquistar cinco cadeiras no Congresso. Ohio e Carolina do Norte seguiram o exemplo, para oferecer algumas cadeiras a mais ao

partido do presidente. A oposição decidiu contra-atacar e fez sua própria redistribuição também na Califórnia, reduto tradicional.